AT-CASTILHO 4.1.6
DOC. 0033

19-X-1968

Título: HISTORIA DE LA FILOLOGÍA CLÁSICA. Barcelona, Editorial Labor, 1967, 260 págs.

Autor: Gaetano Righi.

Assunto: estudo dos fundamentos (filosóficos) e dos instrumentos (filológicos) da cultura clássica, hoje em declínio, mas que durante tanto tejpo serviu de vínculo das nações européias, e que "segue sendo uma advertência contra os riscos da especialização, em nome da qual tantas vêzes se ouve dizer: "Isto não me diz respeito'"... (prólogo). Partes de que se compõe: Introdução, A Filologia helenística, A Filologia em Roma, A Filologia e a cultura clássica na Idade Média, O Humahismo Italiano, O Pensamento animador da Filologia renascentista, A erudição histórica e a crítica filológica durante os séculos XVI e XVII, Crítica, erudição histórica e filosofia da história no séc. XVIII, O neo-humanismo filológico holandês e alemão, O Espírito romântico alemão aliado da Filologia, Os grandes filólogos do séc. XIX, A Filologia no século XIX, A Filologia e o humanismo contemporâneos.

Na Introdução resenha as definições de Filologia, incriminando os que a transformaram em ciência de questiúnculas ("Filologia não é micrologia"), atacadas sempre com um aparato eruditivo vazio e pedante. Para G. Righi, a Filologia é sobretudo um meio de fruir inteligentemente a literatura; a êsse respeito, rastreia as opiniões de Wagner, B. Croce e outros, discorrendo ainda sôbre a Filologia como crítica textual, erudição e sensibilidade.

A história da Filologia Clássica compreende as seguintes direções: Filologia Antiga (alexandrina e romana), medieval (conservação dos textos antigos durante a luta ferida em tôrno da utilidade da cultura clássica; filologia bizantina) e moderna (a filologia italiana; filologia erudita francesa; filólogia crítica anglo-holandesa; filologia romântica ou neo-humanística alemã; filologia positivista da segunda metade do séc. XIX; filologia de nosso século).

A propósito daf filologia alexandrina lembra a importância da Biblioteca de Alexandria e do primeiro catálogo bibliográfico dos autores antigos, o chamado cânon alexandrino, que serviria de base à historiografia literária grega; kkk kkkk relata as principais atividades dos diretores da Biblioteca de Alexandria. Diferente orientação tomaria a Escola de Pérgamo, mais voltada para a discussão das idéias e da natureza da linguagem.

A filologia em Roma nasceu sob o influxo da de Alexandria; "sua importância reduz-se à de ser transmissora da doutrina antiga, da gramática e respectivas distinções, sem grandes arrojos nem descobertas ou novas distinções no campo da cultura filológica" (p. 68). Tal como Eratóstenes em Alexandria, foi A. Pretextato o primeiro k que se chamou filólogo em Roma.

Durante uma primeira fase da Idade Média fere-se o combate entre as culturas pagã e cristã, condenando-se a antiga filosofia e mais a gramática e a eloqüência clássicas. Numa segunda fase busca-se na cultura pagã o que de útil encerrava para os ensinamentos cristãos, e êste segundo impulso diminui as distâncias que às vêzes se quer estabelecer entre a Idade Média e o Renascimento. O problema da formação do estilo pela imitação e o da necessidade da k retórica para a sustentação dos princípios alimentaram neste período várias polêmicas, repertoriadas pelo A. O ideal da filologia renascentista está em "conquistar para o homem um nôvo continente mediante a revivificação do passado clássico" (p. 99); eis por que foram também filólogos Erasmo de Roterdão, Campanella e tantos outros.

Nos séculos XVI e XVII amplia-se extraordinàriamente o labor filológico, que assim pode ser esquematizado: período italiano, estilístico e retórico; período francês, de caráter essencialmente histórico; período anglo-holandês, crítico (p. 112).

O séc. XVIII está todo cheio do nome de Bentley, que reanimou os estudos clássicos na Universidade de Cambridge; são

ainda estudados Leclerc, Leibnitz e Vico, que estabeleceu a união entre o pensamento e o documento, "necessários ambos para compreender a história" (p. 140). O chamado neo-humanismo holandês e alemão também dêste século opôs-se à erudição vazia que tantas vêzes obscurece a cultura clássica, tendo celebrado "a cultura antiga como algo perenemente vivo e operante". Ao amontoado de notas a propósito de pequenos trechos, opuseram a leitura cursiva dos autores antigos, com o que se forma o gôsto literário, tanto é certo que as "múltiplas notícias reunidas em tôrno de uma obra ou de uma passagem não constituem a aspiração sublime da cultura clássica".

O Romantismo matizou a filologia, que passou então a considerar a palavra como o ponto de convergência de todo o passado do homem, e o símbolo e o reflexo da vida de um povo.

No capítulo reservado à filologia e ao humanismo contemporâneos, enumeram-se Nietzsche, Carducci, Fraccaroli, Romagnoli, Pascoli e outros; êses se opuseram ao filologismo erudito alemão, combatendo os excessos do historicismo e defendendo - apesar da crescente descrédito - a importância do humanismo clásico, que gera"a tolerância, o respeito para com os pensamentos alheios", evitando que nos tornemos servos dos podêres políticos, os quais querem que os homens se adaptem aos seus desígnios" (p. 226).

No Epílogo, repassa as qualidades exigíveis aos filólogos (paciência beneditina, penetração histórica, intuição artística, ânimo esforçado, exigências morais), bem como as tarefas que têm dometido. Uma "Nota sôbre a Filologia Clássica na Espanha", de autoria do tradutor, José Alsina, fecha o volume.

<u>Apreciação</u>: O livro de G. Righi vem enriquecer uma bibliografia que, ao nível da divulgação do trabalho filológico, cingia-se pouco mais ao manual de Wilhelm Kroll, <u>Historia de la Filología Clásica</u>, e às indicações de Helmuth Hatzfeld, <u>Bibliografía Crítica della Nueva Estilística</u>.

A estrutura do trabalho padece um pouco de uma sorte de inorganicidade, motivada pelas longas enumerações de nomes e obras (de que é bem um exemplo o cap. 6), sem uma esperada ênfase nas

grandes direções tomadas pela Filologia Clássica; o mal poderia ter-se obviado mediante a generalização dos procedimentos adotados na Introdução.

Finalmente, G. Righi parece ter exagerado quando incluiu entre os filólogos lingüistas do tomo de Humboldt, Grimm, Diez, Bopp, Pott e Saussure (pois julga enganosamente que "na história da filologia devem-se incluir os estudos especiais das línguas, isto é, de suas estruturas", p. 195) e historiadores como Niebuhr, Mommsen. Basta considerar para onde foi o interêsse maior dêsses especialistas para concluir que sua compreensão como filólogos em nada esclarece a definição de Filologia dada inicialmente pelo A.

Ataliba T. de Castilho